

— Adoro jogos fora de casa.

— Detesto jogos fora de casa. — O Maddison tira a mala da parte de trás do meu *Mercedes Benz G-Wagon*, a minha compra mais recente, antes de encolher os ombros, ao vestir o casaco do fato.

— Detestas os jogos fora pela mesma razão que eu os adoro tanto. — Fecho o carro, meto as chaves na mala e respiro fundo para que o ar fresco e cortante de Chicago no outono encha os meus pulmões. Adoro a temporada de hóquei e, esta semana, ela começa fora de casa.

— Por teres raparigas à espera em todos os lugares que visitamos? Enquanto a única que eu quero ver é a minha mulher, que está aqui, em Chicago, com a minha filha e o meu filho recém-nascido.

— Exatamente. — Dou uma palmadinha no ombro do Maddison quando entramos na zona VIP do Aeroporto O'Hare International.

Mostramos a identificação aos seguranças antes de nos ser permitido sair para a pista.

— Temos um avião novo? — Paro de repente, viro a cabeça e vejo o novo avião com o logótipo da equipa na cauda.

— É o que parece — acrescenta o Maddison, distraído, enquanto olha para o telemóvel.

— Como está a Logan? — pergunto-lhe, referindo-me à mulher, a quem sei que está a enviar mensagens. É obcecado por ela. Nunca para de lhe enviar mensagens.

— Ela é forte, pá. — A voz do Maddison está carregada de orgulho. — O MJ tem apenas uma semana e ela já lhe controla os horários.

Não me surpreende. A Logan é uma das minhas amigas mais próximas e, talvez, a pessoa mais competente que conheço. Eles são os meus únicos amigos com filhos, mas a sua família de quatro pessoas tornou-se a minha família alargada. A filha chama-me tio Zee, e eu trato os filhos deles por sobrinha e sobrinho, apesar de não haver laços de sangue entre nós. O pai deles é o meu melhor amigo e, nesta altura do campeonato, quase um irmão.

Nem sempre foi assim.

Em miúdos, o Eli Maddison era o meu rival mais odiado. Crescemos os dois em Indiana, a jogar hóquei de competição em equipas diferentes. Ele era o menino prodígio que tinha tudo o que queria, e isso irritava-me profundamente. A vida dele era perfeita. A família era perfeita, e a minha era tudo menos isso.

Depois, ele foi jogar para a Universidade de Minnesota, enquanto eu jogava na Ohio State, e a nossa rivalidade transformou-se em cinco anos intensos de hóquei universitário. Na altura, eu tinha alguns problemas familiares e descarregava a raiva na pista de gelo. O Maddison foi o alvo da minha fúria quando o empurrei contra os painéis com um golpe sujo, no início da faculdade. Dei-lhe cabo do tornozelo de tal maneira que o impedi de jogar no segundo ano e, consequentemente, de ser selecionado para a NHL (Liga Nacional de Hóquei).

Ironicamente, também tive de parar de jogar no segundo ano, por estar a chumbar a algumas disciplinas.

Ele odiava-me por isso, e eu também me odiava devido a outras razões.

Depois, fiz terapia. Religiosamente. Trabalhei as minhas cenas e, no nosso último ano, o Maddison e eu éramos melhores amigos. Continuámos a jogar em equipas diferentes, mas respeitávamo-nos e encontrávamos pontos comuns nas questões relacionadas com a saúde mental. Ele tinha ansiedade e ataques de pânico, e eu carregava uma raiva tão intensa que se transformava em ataques de ansiedade simplesmente porque me consumia, cegando-me para a realidade.

E, por um acaso, entrámos ambos para a mesma equipa em Chicago, a jogar hóquei profissional pelos Raptors. Esta temporada é o

início do meu sétimo ano como profissional, e não me imagino a jogar noutro lugar.

É por isso que tenho de garantir que o meu contrato será renovado no final da temporada.

— Scott, temos um avião novo? — pergunto a um dos chefes de equipa, que caminha à nossa frente.

— Sim — responde, olhando para trás. — Para todas as equipas profissionais de Chicago. Nova companhia *charter*. Avião novo. Um grande acordo que assinaram com a cidade.

— Avião novo. Assentos novos... Novas assistentes de bordo… — acrescento num tom sugestivo.

— Sempre tivemos novas assistentes — intervém o Maddison. — E todas tentaram meter-se contigo.

Encolho os ombros, presunçoso. Ele não está enganado, e eu não tenho qualquer vergonha. Mas não durmo com mulheres que trabalham para mim. Gera confusão, e eu não gosto de confusões.

— Outra coisa nova — grita o chefe de equipa. — A mesma tripulação durante toda a temporada. Os mesmos pilotos e as mesmas assistentes. Já não há elementos aleatórios, a entrar e a sair do avião, a pedir-vos autógrafos.

— Ou a tentar saltar-te para a cueca. — O Maddison lança-me um olhar intenso.

— Não me incomodava.

O telemóvel toca no interior do bolso das calças do meu fato. Ao tirá-lo, vejo duas mensagens a aguardar nas mensagens privadas do Instagram.

Carrie: *Vi a tua agenda dos jogos. Já percebi que te encontras por cá esta noite. Estou livre, e é bom que também estejas!*

Ashley: *Estás na minha cidade esta noite. Quero ver-te! Farei com que a tua vinda valha a pena.*

Vou à aplicação Notas e encontro uma que se intitula «DENVER», tentando lembrar-me de quem são estas mulheres.

Aparentemente, a Carrie era uma ótima foda com uma prateleira fantástica, e a Ashley fazia um broche do caraças.

Vai ser difícil decidir onde quero que a noite me leve. E, depois, há também a opção de sair e ver se consigo alargar a minha lista de Denver com novas recrutas.

— Vamos sair hoje à noite? — pergunto ao meu melhor amigo, enquanto subimos as escadas para o avião novo.

— Vou jantar com um amigo da faculdade. O meu antigo colega de equipa mora em Denver.

— Ah, merda, pois é. Bem, depois, vamos beber uns copos.

— Hoje vou dormir com as galinhas.

— Dormes sempre com as galinhas — lembro-o. — Só queres ficar no quarto de hotel e telefonar à tua mulher. Só sais comigo quando a Logan te obriga.

— Bem, tenho um filho com uma semana; portanto, não vou sair esta noite. Preciso de dormir.

— Como está o pequeno MJ? — pergunta o Scott, do topo das escadas.

— É a coisa mais bonita. — O Maddison puxa do telemóvel para mostrar as fotografias sem fim que me enviou durante a semana. — Já é dez vezes mais relaxado do que a Ella em bebé.

Passo-lhes à frente, entro no avião novo, surpreendido por ser tão fantástico. Com alcatifa personalizada, assentos e o logótipo da equipa em todo o lado.

Evito a parte da frente, onde se sentam os treinadores e a equipa técnica, e dirijo-me para a fila da saída de emergência, na qual eu e o Maddison viajamos há anos, desde que ele se tornou capitão e eu vice-capitão. Decidimos todos os aspetos desta equipa, incluindo os lugares no avião.

Os veteranos ocupam a fila da saída de emergência e, à medida que a antiguidade diminui, vão-se sentando mais atrás, ficando os novatos na última fila.

— Nem pensar — digo ao nosso defesa de segundo ano, o Rio, instalado no meu lugar. — Levanta-te.

— Pensei que… — começa o Rio, com um sorriso idiota distendido. — Avião novo, talvez lugares novos também? Talvez este ano tu e o Maddison prefiram sentar-se lá atrás com os novatos?

— Raios, não. Não quero saber se não és novato esta temporada. Vou tratar-te como se fosses.

O cabelo encaracolado cai-lhe por cima dos olhos verde-escuros, mas ainda consigo vê-los a brilhar de divertimento, enquanto me testa. Cabrão.

Ele é de Boston, Massachusetts. Um filhinho de mamã italiana que gosta de testar a minha paciência. Mas a verdade é que, quase sempre que ele abre o raio da boca, me rio. É engraçado como o raio. Admito.

— Rio, saiam dos nossos lugares — diz o Maddison atrás de mim.

— Sim, chefe. — Ele levanta-se, pega na sua coluna de som portátil do assento ao lado, e corre para a parte de trás do avião, onde pertence.

— Porque te ouve e a mim não? Sou dez vezes mais intimidante do que tu.

— Talvez porque o levas a dar umas voltas sempre que vamos de viagem e o tratas como amigalhaço, enquanto eu sou o capitão que mantém os limites.

Se o meu melhor amigo saísse comigo, talvez eu não tivesse de o fazer com um miúdo de vinte e dois anos sempre que vamos para fora.

Atiro a mala para o compartimento superior e sento-me no lugar mais próximo da janela.

— Foda-se, não. — O Maddison levanta-se, a olhar para mim. — Ficavas à janela no ano passado. Nesta temporada, viajas no lugar do corredor.

Olho para o lugar ao lado do meu e de novo para ele.

— Enjoo.

O Maddison desata a rir-se.

— Não, não enjoas. Deixa de ser cabrãozinho e levanta-te.

A contragosto, cedo-lhe o banco, uma vez que as filas do avião têm apenas dois lugares de cada lado do corredor. Dois outros veteranos de longa data sentam-se na fila oposta.

Pego no telemóvel e releio as mensagens das raparigas de Denver, imaginando como quero que a noite corra.

— Preferias uma boa queca, um broche do outro mundo ou arriscar com alguém novo?

O Maddison ignora-me.

— Os três? — respondo por ele. — Sou capaz de conseguir isso.

Chega mais uma mensagem. Desta vez, é do grupo do nosso agente, o Rich.

Rich: *Entrevista com o* Chicago Tribune *antes do jogo de amanhã. Representem um pouco. Façam-nos ganhar dinheiro.*

— O Rich mandou uma mensagem — digo ao meu capitão. — Entrevista amanhã antes do jogo. Quer que façamos o nosso pequeno número.

— Que surpresa — suspira o Maddison. — Zee, sabes que estás em desvantagem nesta situação. Quando te sentires pronto para revelar que não és o idiota que todos pensam que és, avisa-me, e paramos com a farsa.

É por isto que o Maddison é o meu melhor amigo. Talvez seja a única pessoa, além da família dele e da minha irmã, a saber que eu não sou o mau da fita que a comunicação social me faz parecer. Mas esta imagem tem vantagens, e uma é as mulheres gostarem de se atirar ao autoproclamado «rapaz problemático e difícil de amar». E as nossas personagens contrastantes rendem-nos uma pipa de massa.

— Não, ainda estou a gostar — digo-lhe com sinceridade. — Tenho de conseguir a renovação do contrato no final da temporada. Portanto, até lá, temos de continuar.

Quando o Maddison chegou a Chicago, há cinco anos, criámos uma história que os adeptos e a comunicação social adoram. Ganhamos muito dinheiro para o clube porque a nossa dupla leva adeptos ao recinto. Os rivais, antes odiados, tornaram-se melhores amigos e colegas de equipa. O Maddison está casado há anos com a namorada da faculdade e têm dois filhos. Há noites em que duas mulheres vêm até à minha *penthouse*. Não podíamos ser mais diferentes para quem está de fora. Ele é o menino de ouro do hóquei, e eu sou o rebelde da cidade. Ele marca golos, e eu pontuo com as mulheres.

As pessoas acreditam em tudo. Nós aproveitamo-nos disso perante a comunicação social, mas não sou o sem-vergonha que pensam que sou. Preocupo-me com muito além das mulheres que levo para casa. Mas também tenho confiança em quem sou. Gosto de fazer sexo com

mulheres bonitas, e não tenho de me desculpar. Se isso me torna má pessoa, que se lixe. Faço rios de dinheiro a ser o «mau da fita».

Ao explorar o telemóvel, vejo uma figura de relance, mas não olho para ver quem é. Embora, pela linha de visão, saiba que aquela imagem curvilínea pertence a uma mulher, e as únicas mulheres no avião são as assistentes de bordo.

— És tu... — começa ela.

— Sim, sou o Evan Zanders — interrompo-a, mantendo os olhos no ecrã. — E sim, é o Eli Maddison — acrescento, cansado. — Lamento, mas nada de autógrafos.

Isto acontece em quase todos os voos. A nova tripulação anseia conhecer atletas profissionais. É até um pouco irritante, mas faz parte do trabalho, ser-se reconhecido como nós os dois somos.

— Que bom para ti. E não quero o teu autógrafo — argumenta ela num tom nada impressionado. — Ia perguntar se estás pronto para que eu te dê o *briefing* da fila da saída de emergência.

Olho para ela, os olhos azul-esverdeados são penetrantes e pontiagudos. O cabelo move-se em caracóis castanhos, impossíveis de domar. A pele é morena clara, salpicada de pequenas sardas no nariz e nas faces, mas a expressão é a de quem não está nada impressionada comigo.

Não que isso me importe.

O meu olhar vagueia pelo seu corpo. A farda apertada abraça-lhe as curvas.

— Tens noção de que estás na fila da saída de emergência, certo, Evan Zanders? — pergunta, como se eu fosse um imbecil, estreitando os olhos em forma de amêndoa.

O Maddison ri-se ao meu lado, nenhum de nós ouviu até agora uma mulher falar comigo com tanto desprezo.

Estreito os olhos, surpreso, mas não intimidado, um pouco chocado por ela falar assim comigo.

— Sim, estamos prontos — responde o Maddison, por mim. — Avança.

Ela faz o discurso, e eu desligo. Já ouvi aquilo mais vezes do que consigo enumerar, mas suponho que se trate de uma cena legal obrigatória antes de cada voo.

Percorro o telemóvel enquanto ela fala, o meu *feed* do Instagram está cheio de modelos e atrizes, metade das quais foram minhas namoradas. Bem, *namorar* pode não ser a palavra mais adequada. Dormir com é mais correto. Mas são agradáveis de ver; portanto, sigo-as nas redes sociais, caso pretenda repetir experiências na cama.

O Maddison dá-me uma cotovelada.

— Zee.

— O que foi? — pergunto, distraído.

— Ela fez-te a porra de uma pergunta, mano.

Olho para cima, e a assistente de bordo tem o olhar fixo em mim. Está com ar irritado e desvia os olhos para o ecrã do meu telemóvel, no qual se vê uma mulher seminua escarrapachada ali mesmo, no meu *feed*.

— Estás disponível para ajudar numa emergência? — repete ela.

— Claro. Já agora, quero uma água com gás. E limão à parte. — A minha atenção volta-se de novo para o telemóvel.

— Há um frigorífico na fila de trás, onde podes ir buscá-la.

O meu olhar ergue-se outra vez. Mas o que se passa com esta rapariga? Encontro o crachá com o seu nome — um par de asas com «Stevie» no meio.

— Bem, *Stevie*, gostava muito que ma trouxesses.

— Bem, *Evan*, gostava muito que tivesses prestado atenção à minha demonstração de segurança em vez de supores que eu queria o teu autógrafo como uma dessas tontinhas para as quais os jogadores de hóquei são tudo na vida. — Dá-me uma palmadinha condescendente no ombro. — O que não quero, nem sou.

— Tens a certeza, querida? — O meu sorriso presunçoso domina-me o rosto enquanto me inclino na sua direção. — Pode valer-te uma bela nota.

— Que nojo. — Ela contorce o rosto, incomodada. — Obrigada por me ouvires — diz ela ao Maddison antes de sair em direção à parte de trás do avião.

Viro-me e observo-a estupefacto. As ancas redondas balançam, fazendo com que ela ocupe mais espaço do que as outras assistentes que vi no interior do avião, mas a pequena saia-lápis afunila na cintura.

— Portanto, a Stevie é uma grande cabra.

— Não, tu é que és um completo idiota, e ela só te pôs no lugar — riposta o Maddison, a rir-se. — E Stevie?

— Sim, é o nome dela. Estava no crachá da farda.

— Nunca soubeste o nome de nenhuma assistente. — O tom é de acusação. — Mas ela deixou bem claro que se está nas tintas para ti, meu amigo.

— Pelo menos já não volta no próximo voo.

— Volta, sim — lembra-me o Maddison. — É a mesma tripulação ao longo de toda a temporada. Lembras-te do que disse o Scott?

Raios, é verdade. Nunca tivemos as mesmas raparigas a bordo uma temporada inteira.

— Já gosto dela só porque não gosta de ti. Isto vai ser muito divertido de seguir.

Viro-me a fim de espreitar para a parte de trás do avião quando o meu olhar encontra o da Stevie, mas nenhum se amedronta ou quebra o contacto visual. Os seus olhos são talvez os mais interessantes que já vi, e o seu corpo é roliço de uma forma perfeita, com muito onde agarrar. Mas, infelizmente, o seu belo exterior, do qual gosto bastante, está manchado pela sua maneira de ser, a qual não me seduz.

Talvez precise de ser lembrada que trabalha para mim, e eu farei com que ela entenda isso. Sou mesquinho nesse sentido. Vou recordar-me desta pequena interação enquanto ela estiver no meu avião.